

PAULO NUNES BAPTISTA

# UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS



PAULO NUNES BAPTISTA

(da Associação Nacional de Trovadores e Violeiros)



# UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS

© Copyright 1958 — Editora Prelúdio Limitada  
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade  
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.516



EDITORA

**Prelúdio** LDA

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

AmM  
0416

PAULO NUNES BAPTISTA

(da Associação Nacional de Trovadores  
e Violeiros)

UM DRAMA NAS SELVAS DO  
AMAZONAS

*A memória de meu pai, Francisco  
das Chagas Baptista.*



1 - Leitor, se acaso aprecias  
Os versos de um repentista  
Lê esta história rimada  
Por Paulo Nunes Baptista,  
Autor do "Zé Bico Dôce",  
Paraibano, nortista.

E' um romance realista  
Cujos enredos se passaram  
Nas selvas do Amazonas,  
E reproduzi-lo vou  
Conforme o protagonista  
A mim mesmo relatou.

O moco com quem se deu  
Este caso doloroso  
E' filho da Paraíba,  
Aquele Estado formoso,  
— A terra de João Pessoa  
Brasileiro valoroso.

Esta narração começa  
Dezesseis anos atrás  
Na capital de Alagoas  
— A terra dos marechais —  
Quando o Brasil estava em guerra  
Contra o fascismo voraz.

José Baptista, um rapaz  
De quinze anos de idade  
Saira da Paraíba  
Devido à necessidade  
Foi morar em Maceió,  
Uma risonha cidade.

Atráz da felicidade  
José Batista partiu  
Com sua mãe, pobre velha  
Que a sorte em cheio feriu  
Pois já tinha sido rica  
E a fortuna lhe fugiu.

Dona Ceci se chamava  
A pobre mãe de José  
Que tinha perdido tudo  
Porém não perdera a fé  
De ver, naquele naufrágio,  
Seu filho inda tomar pé...

Tinha uma filha casada  
Na capital Maceió,  
Vivendo numa pobreza  
Que a todos causava dó;  
Ficaram morando juntos  
Todos numa casa só.

Dona Maria Batista,  
Aquela filha casada,  
Tinha seis filhos pequenos,  
Uma família pesada  
— O que o marido ganhava  
Ali, não dava pra nada...

Saiu José procurando  
Um jeito de trabalhar;  
Sabia ler e escrever,  
Fazer contas, calcular,  
Mas nem mesmo no pesado  
Nada êle pôde arranjar.

Foi quando êle ouviu falar  
Numa tal de Companhia  
Que estava empregando gente  
Dando toda garantia  
Pra trabalhar na borracha  
Que no Amazonas havia.

Todo homem que queria  
— Era a noticia geral —  
Tinha passagem de graça,  
A roupa e o material  
Para ir tirar borracha  
Num ou noutro seringal.

O govêrno federal  
Fôra o organizador  
Dêsse “Exército da Borracha”  
Que tinha a função, leitor,  
De auxiliar a vitória  
Contra o fascismo agressor.

Seguia o trabalhador  
Qual se fôsse a uma batalha  
Afim de extrair o leite  
Da seringueira, sem falha:  
Ele ia enfrentar a selva  
Como o soldado a metralha.

Precisavam os Aliados  
De borracha, às toneladas,  
Para fabricar pneus  
E mil coisas precisadas:  
Tinha o Brasil compromisso  
Com as Nações Aliadas.

O “Soldado da Borracha”,  
Segundo o que se dizia,  
Não precisava ir à guerra,  
Aqui mesmo ajudaria,  
Alem disto, um ordenado  
Vantajoso, recebia.

Era assinado um contrato  
De trabalho, por três anos,  
Findos os quais, o “empregado”  
Podia cumprir seus planos,  
Saindo do seringal,  
Voltando aos seus pais e manos.

Na saída, alem do cobre  
Que houvesse economizado  
Regressava de avião  
Tudo por conta do Estado  
E de seguir para a guerra  
Ele estava dispensado.

Dizia-se ainda que  
Lá no seringal, havia  
Dentista, médico, remédios,  
Que nada pois faltaria  
Ao trabalhador que fôsse  
“Lutar” na mata bravia...

Com toda essa garantia  
E o ordenado de cem  
Cruzeiros por cada dia  
Caro leitor, veja bem,  
Não houve quem não quizesse  
Ir para a mata, também.

Corria o ano de mil  
Novecentos e quarenta;  
Zé Batista, o nosso jovem,  
Com decisão se apresenta  
E o Exército da Borracha,  
Esperançoso, êle enfrenta.

Para poder ser aceito  
Ele teve de aumentar  
Sua idade, do contrário  
Não poderia embarcar  
— A precisão era muita  
Que tinha, de trabalhar.

Zé Batista vai deixar  
Sua mãe velha e doente  
Na casa de sua irmã  
Onde a fome é permanente,  
Vai ao Norte procurar  
Socorro pra sua gente...

Vai, iludido, inocente,  
Sem saber do que existia,  
Segue cheio de esperança  
De poder voltar um dia  
Trazendo qualquer recurso,  
Um pouco de economia.

Vai para a selva bravia  
Onde habita o canibal,  
Indio que mata o cristão  
E come a carne sem sal  
E os ossos ficam esquecidos  
No fundo do seringal...

25

Vai para a selva infernal  
Das febres, do béríbéri,  
Onde a todo passo a onça  
O bote mortal desfere,  
Onde os perigos são tantos  
Que não há quem os enumere.

As matas do "inferno verde"  
Por onde o Amazonas corre,  
Onde um cristão que cai n'água  
Em poucos minutos morre  
Na bôca de um jacaré  
E ali ninguém o socorre.

O país das pedras verdes,  
Terra de riqueza imensa,  
Mas onde campeiam o crime,  
E despotismo e a doença,  
Onde se leva a esperança  
E traz-se a morte e a descrença!

Zé Batista, ignorando,  
Fiado só no que ouviu  
Contar das grandes vantagens  
Já dos seus se despediu  
E pras matas do Amazonas  
Num grande grupo, seguiu.

Era um grupo de cem homens,  
Igualmente a um batalhão,  
Formado de nordestinos  
Do litoral ao sertão  
Que iam para o Amazonas  
Na luta de ganhã-pão.

Riograndenses-do-norte,  
Matutos pernambucanos,  
Cearenses destemidos,  
Valentes paraibanos,  
Alguns moços de Sergipe,  
Rapazes alagoanos.

Entre aqueles nordestinos  
Seguia José Batista,  
Menino de quinze anos,  
Ia em busca da conquista  
De um pouco de capital  
Tendo a esperança por pista.

32

José fez logo amizade  
Com um môço de Alagôas,  
Foi quem mais simpatizou  
Em meio a tantas pessôas  
— Era um rapaz sorridente,  
Gostava de dizer lôas.

Chamava-se João de França,  
De José foi logo amigo,  
Era pobre e também ia  
Em busca de um novo abrigo,  
Atraz da felicidade,  
Da aventura e de perigo.

Como José, João de França  
A pobre mãe lá deixou;  
Êle era filho único  
E a velha muito chorou  
Porem, confiada em Deus,  
Com a sina se conformou.

Vamos dizer, neste ponto,  
Mais ou menos a viagem  
Que êsses novos voluntários  
Enfrentaram com coragem  
Só para ver se encontravam  
Na selva alguma vantagem.

Embarcaram num navio  
No pôrto de Jaraguá,  
Daí pararam em Recife,  
Seguiram pro Ceará,  
Antes de um mês de viagem  
Viram Belém do Pará.

Desde à saída, notaram  
Que havia um “regulamento”  
A que se achavam sujeitos  
Sob as ordens de um sargento,  
Escoltados por soldados  
Com extensivo armamento.

Se ali ninguem era prêso  
Para que tanto rigôr?  
Tinha hora pra dormir,  
Pra fazer seja o que fôr  
— O navio era um presidio  
E o sargento o “ditador”...

José faz logo amizade  
Com um moço de Alagôas,  
Foi quem mais simpatizou  
Em meio a tantas pessoas  
-Era um rapaz sorridente,  
Gostava de dizer lôas.



A roupa que receberam  
Era um simples macacão  
De mescla azul com casquete,  
Uma camisa e um calção,  
Um par de réguas, novo,  
Mais um saco de algodão.

O saco era pra guardar  
De cada um, a bagagem...  
Uns encheram logo o saco  
No comêço da viagem  
E viram que se enganaram  
Em crer na tal da vantagem.

Os que não levaram rêde  
Dormiam lá no porão;  
O calor era tão grande  
Que sufocava o pulmão  
Mas de lá ninguem saía  
Sem ordem do "sargentão".

Quanto à comida, essa, então,  
Era de não se tragar:  
Feijão bichado e farinha,  
Arroz, só para enganar,  
A carne, essa era tão pouca  
Não dava pra se enxergar.

Quem tentasse reclamar  
Era arriscado a ser prêso.  
O sargento ali dizia:  
— Eu sempre fui duro e têsso,  
Se alguém duvidar de mim  
Eu posso mostrar meu pêso...

Assim seguiram a viagem  
Até chegar em Belém.  
Lá ficaram num albergue  
Debaixo de ordens, também;  
Conseguiram fugir quinze  
Pulando um muro que tem.

Depois de uns dias que estavam  
Naquela situação  
Foram mandados seguir  
Sob as ordens de um "mandão"  
Para trabalhar na estrada  
De picarêta na mão.

Alguns disseram que não  
Iam trabalhar na estrada,  
Que para ser covoqueiros  
Não deixaram a terra amada,  
Queriam ir pra seringa  
Tirar borracha, e mais nada.

A turma era vigiada  
Por homens todos armados;  
Não tiveram outro remédio,  
Foram trabalhar forçados  
— Abrir estradas no mato  
Como prêsos, condenados...

Não faltaram revoltados  
Que tentaram escapular,  
Alguns foram logo mortos  
E para o efeito surtir  
Deixavam o corpo na estrada  
Para o urubú consumir.

Outros pegaram a sentir  
As febres da região,  
De vez em quando um caía  
Num ataque de sezão;  
Alguns a cobra mordia  
Não havia salvação.

Passou-se assim um tempão  
Nesse trabalho fatal  
Até que depois de meses  
O resto do pessoal  
Foi afinal dividido  
Pra seguir pro seringal.

José seguiu com dez homens  
Para o Rio Juruá,  
Já na fronteira do Acre  
E uma vez chegando lá  
Foram trabalhar nas matas  
Do seringal Arujá.

Naquelas zonas não há  
Govêrno, justiça ou lei,  
Ali o dono das terras  
E' uma espécie de rei  
— Quem fôr contra o manda-chuva  
Pode dizer: — Me afundei!...

Veja bem, leitor amigo,  
A coisa como ela é,  
Imagine o sofrimento  
A que ponto chega até  
Dentro do nosso Brasil  
Como se deu com José.

José Batista chegou  
Junto aos demais companheiros,  
João de França ia também  
Seguindo os mesmos roteiros,  
Dispostos a trabalhar  
Na vida de seringueiros.

Já três meses se passaram  
Daquele saudoso dia  
Que Zé Batista partiu  
Cheio de vida e alegria  
Para os seringais do Norte  
Ver se Deus o ajudaria.

Dos que saíram consigo  
Trinta e cinco desertaram,  
Uns a febre liquidou,  
Alguns os índios pegaram,  
Outros morreram na bala  
Ou cobra e onça mataram.

Os restantes que ficaram  
Foram depois divididos  
Pelos vários seringais,  
Não puderam estar unidos  
— Antes de entrar na seringa  
Já se encontravam vencidos...

Como se fôssem bandidos  
E' que êles foram tratados;  
Alguns estavam sem roupa,  
Doentes, sujos, barbados...  
Já então todos sabiam  
Que tinham sido enganados!...

José teve a grande sorte  
E grande satisfação  
De poder ficar ao lado  
Do seu grande amigo João  
— Entre êles dois a amizade  
Fazia forte união.

Já no seringal, então  
Veio o chefe capataz  
E lhes deu a explicação  
Como o trabalho se faz:  
— Dois homens pra cada lado,  
Vamos ver quem produz mais...

Nas matas dos seringais  
O serviço é perigoso,  
O seringueiro precisa  
Ter fôça e ser corajoso  
— Muito brabo aqui da praça  
Chega lá, vira medroso.

Cada seringueiro tem  
Seu caminho ou sua estrada  
Onde êle tira seringa  
Dentro da mata fechada  
— Não existe essa pessoa  
Que, ali, ande desarmada.

Ele sai de madrugada  
Para a seringa colher;  
A seringueira é uma árvore  
E êle tem que fazer  
Em cada pé, vários cortes  
Pro leite poder correr.

Levando uma machadinha  
Várias caçambas conduz:  
Dá os cortes, corre o leite  
Que a borracha produz,  
As caçambinhas aparam;  
Consigo leva uma luz.

Essa luz é uma lanterna  
Ou por outra um candieiro  
De muita necessidade  
Para o herói seringueiro  
Que entra na mata inda escura  
Para ganhar seu dinheiro.

Uma estrada de seringa  
Tem uma légua ou tem mais,  
O valente seringueiro  
Aquele percurso faz,  
À tarde, num balde cheio,  
O leite colhido traz.

63  
67

Não se afasta o seringueiro  
Da sua espingarda cheia,  
Seu facão de cortar mato  
Que traz prêso na correia  
— E êle corre ao “Barracão”  
Se a munição escasseia.

O barracão geralmente  
E' onde mora o “mandão”,  
Isto é, o capataz  
Ou às vezes o “chefão”,  
Tudo o seringueiro compra  
Somente no Barracão.

Os preços no seringal  
São feitos pelo patrão,  
Ali não chega a Cofap  
Nem vai fiscalização  
— E' como um mundo distante  
Da tal civilização...

Ali a tabela é feita  
Pelo proprio “coronel”,  
O seringueiro ali sofre  
A exploração mais cruel,  
Quem achar ruim, come pouco,  
Cala a bôca e engole o fel...

Um palmo de fumo custa  
Cem ou duzentos cruzeiros,  
Pinga vale igual ao ouro  
E os pobres dos seringueiros  
Vão enricando os patrões,  
Desumanos carniceiros.

Zé Batista recebeu  
Mais o seu amigo João  
Uma espingarda, um revólver,  
Uma peixeira e um facão,  
Farinha, sal, fumo e fósforo,  
Querozene e um lampeão.

Recebeu mais cada um  
Todo o seu material  
Para extrair a seringa  
Sem faltar o principal  
E seguiram os dois amigos  
Pra dentro do seringal.

Levando uma machadinha  
Várias caçambas conduz,  
Dá os cortes, corre o leite  
Que a borracha produz,  
As caçambinhas aparam;  
Consigo leva uma luz.



Viajaram todo um dia  
Somente subindo o rio,  
Mais dois dias pelo mato  
Fechado, feio, bravio,  
Aí fizeram a barraca  
Num lugar fresco e sombrio.

A barraca era suspensa  
Do chão sôbre quatro esteios,  
Isto por causa das onças,  
Cobras e outros bichos feios  
Que poderiam trazer  
Aos dois muitos aperreios,

Depois que os dois construíram  
A casa de residencia  
Começaram a trabalhar  
Com fé e com paciência,  
Confiados nos poderes  
Da Divina Providência.

Os dois então combinaram,  
Cada qual mais camarada,  
De seguir um para um lado  
E o outro por outra estrada;  
Saíam cedo e de tarde  
Vinham tomando chegada.

Para dormir, êles tinham  
Cada qual seu mosquitoiro  
Pois do contrário o pium,  
Um mosquito traiçoeiro,  
Chupava de noite o sangue  
Do pobre do seringueiro.

Deixemos os dois rapazes,  
José Batista e João,  
Labutando na seringa  
Distante do Barracão  
E vamos falar um pouco  
A respeito do patrão.

O dono do seringal  
Era um rico já idoso,  
Tinha casas em Manaus,  
Era perverso e orgulhoso,  
Porem sofria de um mal  
Horrendo e contagioso.

Apesar de poderoso  
Tendo dinheiro a fartar  
Êsse rico era leproso  
E nunca pôde curar  
Aquela doença horrivel  
Que o havia de acabar.

A familia dele estava  
Morando na capital  
Mas êle morava agora  
No seu próprio seringal  
Devido o adiantamento  
Daquele terrivel mal.

Já lhe faltava uma orelha  
E um olho não tinha mais  
Mesmo assim, de vez em quando,  
Vinha feito um Satanás  
Atentar os seringueiros  
E apertar o Capataz.

Chamava-se o velho Barros,  
Era feio e ruim,  
Na casa grande êle tinha  
Tanta gente que era assim  
Tudo pronto pra servi-lo  
Com mêdo de levar fim.

Só de criadas havia  
Umas vinte ou pouco mais:  
Umas indias, outras pretas,  
E a mulher do capataz  
Essa, o velho inda sonhando  
O que pedir, ela faz...

Nas matas dos seringais  
Qualquer mulher não vai lá;  
As indias já são dos indios,  
Mulher de fóra não há  
— As que tinha eram do velho  
Do seringal Arujá.

Mas o velho Barros tinha  
Uma filha natural  
Com uma india, nascida  
Lá mesmo no seringal  
— Era uma flôr de beleza  
Com o nome de Florinal.

Pois ali se cobra tudo,  
Da ferramenta à passagem,  
Se cobra o par de botinas  
E as despesas da viagem,  
Tudo num preço tão alto  
Que o cabra perde a coragem.

Nos seringais do Amazonas  
Reina a negra escravidão,  
O pobre do seringueiro  
Sofre toda humilhação  
Trabalhando eternamente  
Para engordar o patrão.

Um seringueiro trabalha  
Todo um ano e nada tem;  
Produz bastante borracha  
E, no fim, não vê vintem...  
Quando deseja ir-se embora  
Diz-lhe o patrão: — Não convém!

— O senhor já deve muito  
De compras no Barracão,  
Deve também os remédios,  
As botas e o macacão,  
Me deve mais a passagem  
— E não possui um tostão!

— Este ano o seu trabalho  
Foi pouco e não rendeu nada!  
Agora trabalhe mais,  
Deixe de prosa fiada,  
Que daqui pro fim do ano  
Sua conta está liquidada.

E é sempre assim todo ano  
Quando procura o patrão  
Para acertar suas contas  
E voltar pro seu torrão,  
Vive e morre trabalhando  
Nas garras da escravidão.

Volta o pobre seringueiro  
Novamente para o mato,  
Doente e desiludido,  
Sofrendo todo maltrato  
Para arriscar sua vida  
Pelo seu patrão ingrato.

Pois ali se cobra tudo,  
Da ferramenta à passagem,  
Se cobra o par de botinas  
E as despesas da viagem,  
Tudo num preço tão alto  
Que o cabra perde a coragem.

Nos seringais do Amazonas  
Reina a negra escravidão,  
O pobre do seringueiro  
Sofre toda humilhação  
Trabalhando eternamente  
Para engordar o patrão.

Um seringueiro trabalha  
Todo um ano e nada tem;  
Produz bastante borracha  
E, no fim, não vê vintem...  
Quando deseja ir-se embora  
Diz-lhe o patrão: — Não convém!

— O senhor já deve muito  
De compras no Barracão,  
Deve também os remédios,  
As botas e o macacão,  
Me deve mais a passagem  
— E não possui um tostão!

— Este ano o seu trabalho  
Foi pouco e não rendeu nada!  
Agora trabalhe mais,  
Deixe de prosa fiada,  
Que daqui pro fim do ano  
Sua conta está liquidada.

E é sempre assim todo ano  
Quando procura o patrão  
Para acertar suas contas  
E voltar pro seu torrão,  
Vive e morre trabalhando  
Nas garras da escravidão.

Volta o pobre seringueiro  
Novamente para o mato,  
Doente e desiludido,  
Sofrendo todo maltrato  
Para arriscar sua vida  
Pelo seu patrão ingrato.

Quando algum tenta fugir  
O sofrimento é maior,  
O patrão manda matar  
Por ordem de "seo" Major...  
Se alguém não quer trabalhar  
A coisa fica pior.

No seringal Arujá  
Há índios domesticados  
Que trabalham para o chefe  
Sendo seus subordinados  
— O que êle mandar fazer  
Vão logo, são bem mandados.

Por um copo de cachaça,  
Um palmo de fumo, então,  
Tem índio que sai de noite  
À procura dum cristão,  
Mata de flexa ou paulada  
— Cumpre as ordens do patrão!

Tinha um índio valentão  
No seringal Arujá,  
O terror daquelas matas  
Onde corre o Juruá,  
Era um índio grôso e feio  
De nome Maracajá.

Se acaso o Barros mandasse  
Êle pegar qualquer féra,  
Um jacaré, cobra ou onça,  
Êle ia sem mais espera  
— Trazia o bicho inda vivo  
Só para mostrar quem era...

Esse dito índio gostava  
Da formosa Florinal,  
Ela porem o evitava,  
E o povo do seringal  
Dizia à boca pequena:  
— Isto inda termina mal...

Agora volto, afinal,  
A tratar dos dois rapazes  
Que ficaram trabalhando  
Como dois homens capazes,  
Enfrentando a mata bruta  
Com suas feras vorazes.

Naquelas matas, leitores,  
A caça é sempre abundante,  
Então José mais João  
Não perdiam um só instante  
De abater pra tirar couro  
Qualquer bicho interessante.

Nesse esporte extravagante  
Matavam onça pintada,  
Sucuri, veado e anta,  
Lontra, guariba e queixada,  
Enfim, o que fôsse bicho  
Grande, não deixavam nada.

Assim, além da seringa  
Eles tinham a economia  
Daquelas peles de bichos  
Que muito bem se vendia  
— E nesta bela esperança  
Um dia vinha e outro ia...

Um belo dia, João vinha  
Para o rancho regressando  
Quando vê no seu caminho  
Um lindo gato miando  
— Era um filhote de onça,  
João foi logo segurando.

E mais ligeiro marchando  
O bicharoco levou,  
Guardou-o em cima, na rêde,  
Mas quando José chegou  
Sôbre aquela brincadeira  
Do amigo reclamou.

De fato, José falou  
Visando já o proprio bem  
Tanto dele e do amigo  
Pois disse: — A mãe-onça vem  
Atrás do bichano dela,  
Não vai ser bom prá ninguém...

José falou acertado  
Porem João não se importou,  
Quando foi no outro dia  
O gatinho êle levou  
Para botá-lo de novo  
No lugar onde encontrou.

Com isto se descuidou  
E a onça velha, danada,  
Vendo João com o gato dela  
Avançou desesperada  
De um tapa tomou-lhe o gato  
E voou longe a espingarda.

No tapa que a onça deu  
Estraçalhou logo o braço  
De João, que naquela hora  
Nem se lembrou do bagaço,  
Na outra mão segura a faca  
Com fôrça e desembaraço.

A onça deu-lhe outro bote,  
João com ela se atracou,  
Meteu-lhe a peixeira em baixo  
No peito, que a bicha urrou,  
Então, do ventre ao pescôço  
O môço a onça furou.

A fêra morta tombou  
E João pôde se arrastar,  
Andou ainda alguns metros,  
Não pôde continuar,  
Conhecendo que morria  
Por José pôs-se a gritar.

Somente horas depois  
Quando já era à tardinha  
Foi que José regressando  
Do serviço então já vinha  
E dando falta do amigo  
Foi saber o que é que tinha.

Entrando na estrada dele  
Pouco adiante o descobriu:  
João já se achava sem fôrças  
Mas mesmo assim conseguiu  
Contar todo o acontecido  
— Logo José o acudiu.

No outro dia partiu  
Levando o pobre do João  
Nos ombros: levou três dias  
Pra chegar ao Barracão  
Afim de ver se o amigo  
Conseguia salvação.

123

Um belo dia, João vinha  
Para o rancho regressando  
Quando vê no seu caminho  
Um lindo gato miando  
Era um filhote de onça,  
João foi logo segurando.



Porem nesse mesmo dia  
João de França faleceu;  
Mas antes chamou José  
E um retrato a êle deu:  
Era da velha mãezinha  
De quem João nunca esqueceu.

Pedi a José chorando:  
— Se um dia você sair  
Deste inferno onde inocentes  
Nós dois viemos cair  
Diga a mamãe que abençoê  
Seu filho que vai dormir...

E ali cerrando os olhos  
Para sempre adormeceu.  
José chorou pelo amigo  
E a si mesmo prometeu  
De levar o saldo dele  
À mãe que nunca esqueceu.

Zé juntou o que era seu  
Disse para o capataz:  
— Meu companheiro morreu  
Pro mato eu não volto mais,  
Ele teve eu que inda o trouxe...  
E eu, sozinho, quem me traz?!

O capataz disse: — Môço,  
Eu vou falar ao patrão,  
Se êle diz que o senhor vai  
Cumpro minha obrigação...  
José disse: — Eu mato ou môrro  
E, só, pro mato, eu não vou, não!

O velho Barros estava  
Talvez de bôa maré,  
Veio cá pessoalmente  
E avisou para José:  
— O senhor fica aqui mesmo  
Mas já sabe como é...

Então botaram José  
Pra ajudar no Barracão,  
Quando Florinal viu êle  
Tomou-lhe logo afeição,  
Viu que era um môço dispôsto,  
Distinto e de educação.

Maracajá quando soube  
Não gostou da novidade,  
Via José conversando  
Com Florinal, sem maldade,  
Mas logo odiou o môço  
Com toda perversidade.

E foi pensar qual o meio  
Mais fácil de assassinar  
José Batista, visando  
Dele logo se livrar  
— Via a hora Florinal  
Por José se apaixonar.

Um dia, pôde chegar  
E achando a moça sozinha  
Lhe disse: — Você decida  
Se quer ser dele ou ser minha  
Porque hoje eu vou matar  
Esse “filho da murrinha”.

Florinal também já tinha  
Da trama desconfiado,  
Então neste mesmo dia  
Contou tudo ao seu amado,  
Disse a José: — Você fuja  
Se não está desgraçado...

Tinha José mais ou menos  
Vinte contos pra tirar,  
Com mais uns quinze do João,  
Nada êle pôde levar  
— Florinal porem deu jeito  
De alguma coisa arranjar.

Deu-lhe um rifle dos melhores  
Que havia no Armazem,  
Bastante bala, um revólver,  
Farinha e fumo também,  
Abraçou-o soluçando,  
Disse: — Vai com Deus, meu bem!

Pedi para o pai mandar  
Maracajá noutra parte  
Levar uma encomenda,  
Disse o indio: — Hei de mostrar-te  
Na minha volta se faço  
Ou não, com êle, uma arte.

A noite José seguiu,  
Numa canôa embarcou,  
Então para o seu ranchinho  
Do mato êle viajou  
— Antes de inteirar três dias  
Na barraca êle chegou.

Dali o rumo tomou  
Pela virgem mata espêssa.  
Dormia à noite trepado,  
Só encostava a cabeça,  
O rifle prêso na mão  
Dizendo: o brabo aparêça!

Com cinco dias depois  
Que saiu do Barracão  
Ia amanhecendo o dia  
E êle, prestando atenção,  
Conheceu rumor de passos  
Vindo em sua direção.

Ficou de rifle na mão,  
No gatilho o dedo já,  
Olhando com todo tento  
Pra ver o que vinha lá  
Quando viu surgir o vulto  
Do indio Maracajá.

O indio vinha trazendo  
Uma espingarda na mão,  
Arco e flexa a tiracolo,  
Farejando como um cão,  
Quando viu Zé, disse: — Volte  
Por ordem de meu patrão!

Zé nem disse nada, não,  
Conheceu chegada a hora,  
— Deu-lhe um tiro tão certo  
Que não sabe até agora  
Se Maracajá morreu,  
Se ficou, se foi embora...

Na fumaça, pulou fóra  
Pelo mato emburacou...  
Viajou mais quatro dias  
Depois dos quais encontrou  
Um rio e na outra margem  
Uma casinha avistou.

144

Mas antes o que passou  
Naquela fuga insensata  
Não há pena que descreva  
Sua penitência ingrata,  
Os mil perigos ocultos  
No inferno daquela mata.

Pois na selva do Amazonas  
Habita o tigre-jaguar,  
A feroz onça-pintada  
Que dá medo só no olhar,  
O javali perigoso  
Que pega pra estraçalhar.

Lá vive a grande gibóia  
E a enorme sucuriú,  
A jararaca terrível  
E a venenosa urutú,  
A cascavél perigosa  
E a mortal surucucú.

Só de insetos venenosos  
Há uma porção imensa,  
São mosquitos que transmitem  
A morte, a febre, a doença  
— E não tem cristão no mundo  
Que a êsses demônios vença...

O índio que anda na mata  
E vive de corpo nú  
Passa sôbre a sua pele  
A tinta do urucú  
Pra se livrar dos insetos  
Que pinicam pra xuxú...

Existe lá no Amazonas  
Uma môsca varejeira  
Que à noite pica a pessoa  
E na picada certa  
Deita ovos, viram bernes,  
Queima igual uma fogueira!

José Batista dormindo  
Num galho de árvore, então  
Essas môscas o picaram  
Uma certa ocasião  
Na cabeça e deu bicheira,  
Tinha de berne um montão...

Ele sentia a cabeça  
Como um fogo a lhe queimar,  
Dava cada ferroadada  
De êle quase desmaiar  
— Mas êle não tinha jeito  
Na mata, de se tratar...

Já não podia dormir  
Devido êsse sofrimento,  
Andava à tôa, sem rumo,  
No mais triste desalento,  
Dizia consigo mesmo:  
— Meu Deus! eu sei que não aguento!...

Um dia, em certo momento  
Enquanto êle caminhava  
Sentiu um esmorecimento,  
Um sono que o dominava,  
Queria andar, não podia,  
Se mexia e não andava...

Foi que êle então se lembrou  
Que estava sendo atraído,  
Prestou bastante atenção,  
Apurou o olho e o ouvido  
E viu um rôlo de cobra  
Que quase cái sem sentido.

Era de fato uma cobra  
De um tamanho colossal!  
Por mais um pouco José  
Teria morte fatal  
Mas valeu-se da espingarda  
E deu-lhe um tiro mortal.

O chumbo bateu certo  
E a grande cobra cegou  
Pois justamente nos olhos  
Da grande serpente entrou,  
José conseguiu fugir,  
Desta com vida escapou.

José se orientava  
Pelo sol, já que sabia  
Que andando para o poente  
Cêdo ou tarde encontraria  
Um afluente do rio  
Por onde se salvaria.

Era de fato uma cobra  
De um tamanho colossal!  
Por mais um pouco José  
Teria morte fatal  
Mas valeu-se da espingarda  
E deu-lhe um tiro mortal.



O que mais êle temia  
Era achar na ocasião  
Índios que fôsem capangas  
Do seu carrasco patrão  
E que quizessem prendê-lo  
E levá-lo ao Barracão.

José pegara sezão  
E béríbéri também,  
Tinha os seus pés inchados,  
Ele dizia, porem,  
— Mesmo fraco como estou  
Eu inda brigo com cem...

Mas não encontrou ninguém  
Que a sua sorte não quiz.  
No quarto dia, depois  
Daquele encontro infeliz  
Com Maracajá, José  
Tem febre e bobagens diz...

Arde a cabeça ferida,  
Sente o corpo lhe tremer,  
Anda quase se arrastando,  
Certo que ia morrer,  
Delira com febre alta  
Sem saber o que fazer.

Andando assim, sem saber  
Chega às margens do afluennte  
E avista na outra margem  
Uma barraca na frente,  
Grita pedindo socôrro  
Pra ver se aparece gente.

A fraqueza que êle sente  
E' tal que perde a razão,  
A voz morre na garganta,  
Apenas sacode a mão  
Pra ver se alguém que lhe aviste  
Não lhe negue a proteção.

Cái desmaiado no chão  
Mas alguém de lá surgiu,  
Era o dono da barraca  
Que seu vulto pressentiu  
E tomando uma canôa  
Pra banda de cá seguiu.

O pobre José caiu  
E sem sentidos ficou,  
Veio o dono da barraca  
Que seu corpo levantou,  
Colocou-o na canôa  
E para casa o levou.

Quando José acordou  
Viu que se achava deitado  
Num colchão, lá na barraca  
Com um velho ali de um lado  
E uma india já idosa  
Que lhe prestava cuidado.

José Batista chamou  
O homem, que logo veio  
(Era um velho cearense)  
José contou-lhe o aperreio,  
Ele disse: — Aqui está livre  
Daquele leproso feio.

Ali José descansou  
Da viagem amargurada.  
A india tratava dele,  
Teve a cabeça raspada  
E a berne, com creolina  
Uma a uma foi tirada.

Passado um mês mais ou menos  
José já se achava forte,  
Ajudava o cearense  
Que o tinha salvo da morte  
E dava graças a Deus  
De ainda ter tido sorte!

Um dia passava um barco  
Com destino à capital  
De Manaus e Zé seguiu  
Sua viagem, afinal,  
Só queria se ver longe  
Do maldito seringal.

De Manaus José seguiu  
Embarcado até Belem,  
Descendo o Rio Amazonas  
Com vida mas sem vintem;  
Trabalhava na viagem,  
Todos lhe queriam bem.

Daí prosseguiu alem  
Para a terra alagoana.  
Em três anos de martirios  
Naquela selva tirana  
Sofreu tanto que inda hoje  
Sua idade a gente engana!...

Procurou a pobre velha  
Mãe do amigo João de França,  
Deu-lhe apenas o retrato  
Que o João deixou de lembrança  
Dizendo: — Reze por êle  
Que hoje em paz o João descansa!

Assim findou-se a esperança  
Deste môço brasileiro  
Que viveu todo este drama  
Na vida de seringueiro:  
Três anos de sacrificios  
Que só deram beneficios  
Ao seu patrão cangaceiro.





Você que tem dificuldades com seus problemas sentimentais, encontrará em «Secretário do amor» um guia fiel e sempre à mão.

★  
Pedidos à Editôra Prelúdio Limitada  
Rua. Ipanema, 772 — Fone: 93-1374  
São Paulo



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA